

A FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS AFETIVOS NA MODERNIDADE

Natana Crespo dos Santos Machado¹;

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/7498943261889994>

Ivana Maria Peres Morgado Carvalho²;

²Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/3404925083796196>

Adriano Barros Rangel³.

³Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/6545786700602569>

RESUMO: As transformações socioculturais da contemporaneidade têm produzido mudanças significativas nas formas de experimentar o amor e construir vínculos afetivos. Em um contexto marcado pela aceleração do tempo, pela lógica do consumo, pela hiperconectividade e pela valorização da autonomia individual, as relações amorosas tornam-se cada vez mais instáveis e transitórias. O presente estudo tem como objetivo analisar a fragilidade dos vínculos afetivos na modernidade, compreendendo o amor como fenômeno socialmente construído e atravessado pelas dinâmicas culturais, econômicas e subjetivas da contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, caráter exploratório e procedimento bibliográfico, fundamentada nas contribuições de Zygmunt Bauman, bell hooks, Byung-Chul Han, Eva Illouz e Gilles Lipovetsky. Como complemento analítico, foram examinadas letras de músicas populares contemporâneas enquanto expressões culturais que refletem percepções e representações do amor na atualidade. Os resultados evidenciam que a ampliação da liberdade individual não tem sido acompanhada pelo fortalecimento dos vínculos, produzindo experiências recorrentes de insegurança emocional, superficialidade das relações, medo da vulnerabilidade e solidão. Conclui-se que a fragilidade dos laços afetivos está associada às transformações estruturais da modernidade e à expansão da lógica consumista para o campo das relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Amor líquido. Vínculos afetivos. Modernidade.

THE FRAGILITY OF AFFECTIVE BONDS IN MODERNITY

ABSTRACT: Contemporary sociocultural transformations have significantly changed the ways individuals experience love and build affective relationships. In a context marked by accelerated lifestyles, consumer culture, hyperconnectivity and the growing appreciation of individual autonomy, romantic relationships have become increasingly unstable and transient. This study aims to analyze the fragility of affective bonds in modernity, understanding love

as a socially constructed phenomenon influenced by cultural, economic and subjective dynamics. This qualitative, exploratory and bibliographic research is based on the theoretical contributions of Zygmunt Bauman, bell hooks, Byung-Chul Han, Eva Illouz and Gilles Lipovetsky. Contemporary popular songs were also analyzed as cultural expressions that reflect social perceptions of love and intimacy. The findings indicate that although individual freedom has expanded, emotional insecurity, fear of vulnerability, loneliness and superficial relationships have also intensified. The study concludes that the fragility of contemporary affective bonds is deeply related to structural transformations of modernity and to the expansion of consumer logic into human relationships.

KEYWORDS: Liquid love. Affective bonds. Modernity.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, profundas transformações sociais, econômicas e culturais redefiniram as formas de viver, sentir e estabelecer relações interpessoais. A expansão das tecnologias digitais, a intensificação dos fluxos de informação, a globalização e a consolidação da lógica consumista alteraram significativamente os modos pelos quais os indivíduos constroem seus vínculos afetivos. Nesse cenário, o amor deixa de ser compreendido apenas como experiência privada para tornar-se também um fenômeno social, atravessado pelas dinâmicas da contemporaneidade.

Zygmunt Bauman (2004) descreve esse contexto por meio do conceito de modernidade líquida, caracterizado pela instabilidade das instituições, pela flexibilização dos compromissos e pela crescente dificuldade de sustentar relações duradouras. Segundo o autor, os vínculos amorosos passam a reproduzir a lógica dos bens de consumo: são desejados enquanto proporcionam satisfação, mas facilmente descartados quando deixam de atender às expectativas individuais.

Complementando essa reflexão, bell hooks (2021) argumenta que o amor tem sido frequentemente confundido com desejo, posse ou satisfação individual, enfraquecendo práticas fundamentadas no cuidado, na responsabilidade e no compromisso. Para a autora, amar constitui uma prática ética que exige abertura emocional, vulnerabilidade e disposição para o crescimento mútuo.

Byung-Chul Han (2017) amplia esse debate ao afirmar que a sociedade contemporânea enfrenta uma crise da alteridade. Em uma cultura marcada pelo desempenho, pela hiperexposição e pela busca incessante por realização individual, torna-se cada vez mais difícil sustentar encontros genuínos com o outro. O amor, que pressupõe reconhecimento da diferença e acolhimento da alteridade, passa a ser substituído por relações utilitárias e autorreferenciadas.

Diante desse panorama, este estudo busca compreender como as transformações da modernidade influenciam a construção dos vínculos afetivos, analisando a fragilidade das relações amorosas contemporâneas a partir do diálogo entre teoria social e manifestações culturais.

OBJETIVO

Analisar a fragilidade dos vínculos afetivos na contemporaneidade, compreendendo como as transformações sociais, culturais e econômicas da modernidade líquida influenciam a construção das relações amorosas e produzem experiências de insegurança, instabilidade e dificuldade de permanência nos relacionamentos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, caráter exploratório e procedimento bibliográfico. O estudo foi desenvolvido por meio da revisão crítica da literatura relacionada às transformações da modernidade, às novas configurações da intimidade, à cultura do consumo e às relações afetivas contemporâneas. Foram analisadas obras de Zygmunt Bauman, bell hooks, Byung-Chul Han, Eva Illouz, Gilles Lipovetsky e Alain Touraine.

Como complemento metodológico, foram examinadas letras de músicas populares contemporâneas, compreendidas como documentos culturais capazes de expressar representações sociais acerca do amor, da vulnerabilidade emocional, da descartabilidade dos vínculos e da instabilidade afetiva. A análise fundamentou-se na interpretação dos discursos presentes nas canções e em seu diálogo com os referenciais teóricos adotados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do referencial teórico permitiu compreender que a fragilidade dos vínculos afetivos contemporâneos não decorre de uma suposta incapacidade individual para amar, mas está profundamente relacionada às transformações estruturais da sociedade moderna. As mudanças econômicas, tecnológicas e culturais ocorridas nas últimas décadas produziram novas formas de experimentar a intimidade, o compromisso e a construção dos laços afetivos.

Segundo Bauman (2004), a modernidade líquida caracteriza-se pela instabilidade das instituições e pela crescente flexibilização dos vínculos sociais. Nesse contexto, as relações afetivas passam a reproduzir a lógica do mercado de consumo, no qual tudo deve permanecer disponível para substituição. O amor deixa de ser concebido como projeto coletivo de construção mútua e passa a ser frequentemente orientado pela busca de satisfação imediata. Os relacionamentos tornam-se frágeis porque os indivíduos desejam simultaneamente segurança emocional e liberdade irrestrita, produzindo uma tensão permanente entre proximidade e autonomia.

A obra *Amor Líquido* demonstra que os sujeitos contemporâneos vivem um paradoxo afetivo. Ao mesmo tempo em que anseiam por intimidade, receiam os compromissos que a intimidade exige. Dessa forma, os vínculos são estabelecidos sob uma lógica de conexão provisória, sempre acompanhados da possibilidade de rompimento. O medo da perda é substituído pelo medo da permanência, uma vez que o compromisso passa a ser percebido

como ameaça à liberdade individual.

As reflexões de bell hooks (2021) permitem ampliar essa análise ao compreender o amor como uma prática ética fundamentada no cuidado, na responsabilidade, na confiança, no respeito e no compromisso. A autora argumenta que a sociedade contemporânea frequentemente ensina as pessoas a desejarem ser amadas, mas não necessariamente a amar. O amor passa a ser confundido com paixão, atração física, dependência emocional ou satisfação narcísica. Como consequência, muitas relações tornam-se incapazes de sustentar os processos de crescimento mútuo necessários à construção de vínculos duradouros.

Os resultados também indicam que a cultura contemporânea promove uma crescente dificuldade de lidar com a vulnerabilidade. Amar implica exposição emocional, risco de rejeição e reconhecimento da alteridade. Entretanto, em uma sociedade que valoriza desempenho, controle e autossuficiência, a vulnerabilidade tende a ser percebida como sinal de fraqueza. Essa dinâmica contribui para o desenvolvimento de relações superficiais, marcadas por mecanismos defensivos que dificultam a intimidade genuína.

Nesse aspecto, as contribuições de Byung-Chul Han (2017) tornam-se particularmente relevantes. Para o autor, a sociedade do desempenho produz sujeitos voltados para si mesmos, constantemente ocupados com produtividade, autoaperfeiçoamento e gestão da própria imagem. O outro deixa de ser reconhecido em sua alteridade e passa a ser percebido a partir de sua utilidade ou capacidade de gerar satisfação. Em *A Agonia do Eros*, Han argumenta que o amor verdadeiro pressupõe abertura ao desconhecido e à diferença, elementos cada vez mais raros em uma cultura orientada pela lógica da performance e do consumo.

A análise evidencia ainda que a hiperconectividade não necessariamente fortalece os vínculos afetivos. Embora as tecnologias digitais ampliem as possibilidades de interação, elas frequentemente favorecem formas de relacionamento caracterizadas pela rapidez, superficialidade e descartabilidade. Aplicativos de relacionamento, redes sociais e plataformas digitais ampliam o número de contatos possíveis, mas também introduzem a percepção de que sempre existe uma opção melhor disponível. Essa lógica reduz a disposição para enfrentar conflitos e dificuldades inerentes às relações humanas.

Byung-Chul Han (2022) destaca que a sociedade digital produz um excesso de comunicação e informação, mas uma escassez crescente de presença. As relações passam a ocorrer em ambientes mediados por telas, onde a construção da intimidade é frequentemente substituída pela exposição de versões idealizadas de si mesmo. Nesse contexto, os vínculos tornam-se mais frágeis porque são construídos sobre imagens cuidadosamente editadas, e não sobre experiências compartilhadas de convivência.

Outro aspecto identificado refere-se à influência da lógica capitalista na construção dos afetos. Eva Illouz (2011) argumenta que o capitalismo contemporâneo não transforma apenas as relações econômicas, mas também reorganiza profundamente a vida emocional. O amor passa a ser atravessado por critérios de escolha, comparação e avaliação

semelhantes aos utilizados no consumo de mercadorias. Os parceiros tornam-se objetos de seleção, constantemente comparados com outras possibilidades disponíveis.

Essa dinâmica produz aquilo que Illouz denomina racionalização das emoções. Os indivíduos passam a analisar seus relacionamentos segundo critérios de custo-benefício, satisfação pessoal e potencial de realização individual. Embora essa lógica amplie a autonomia dos sujeitos, também contribui para o enfraquecimento dos compromissos afetivos, uma vez que qualquer frustração pode ser interpretada como motivo legítimo para o encerramento da relação.

Os estudos de Lipovetsky (2005) complementam essa discussão ao apontar que a hipermodernidade promove uma valorização sem precedentes da liberdade individual. As relações amorosas tornam-se cada vez mais dependentes da satisfação subjetiva imediata, reduzindo a importância de valores como dever, permanência e sacrifício. O indivíduo hipermoderno deseja autonomia máxima e envolvimento mínimo, o que contribui para a instabilidade dos vínculos.

A análise das produções culturais contemporâneas reforça essas interpretações teóricas. Diversas músicas populares reproduzem discursos associados à efemeridade dos relacionamentos, à descartabilidade dos parceiros e à dificuldade de estabelecer compromissos duradouros. Em muitas dessas narrativas, o amor aparece como experiência passageira, substituível e subordinada à busca de prazer imediato. Embora as canções não possam ser compreendidas como reflexos diretos da realidade social, elas revelam sensibilidades e imaginários coletivos que ajudam a compreender as transformações dos vínculos afetivos na contemporaneidade.

Outro resultado relevante refere-se ao crescimento dos sentimentos de solidão. Paradoxalmente, em uma época marcada por inúmeras possibilidades de comunicação, observa-se o aumento das experiências de isolamento emocional. Bauman (2007) argumenta que a fragilidade das redes comunitárias e a individualização da vida social fazem com que os sujeitos enfrentem sozinhos suas angústias, fracassos e inseguranças. A ausência de vínculos estáveis reduz as possibilidades de apoio emocional e contribui para o aumento do sofrimento psíquico.

Nesse sentido, a fragilidade dos vínculos afetivos pode ser compreendida como expressão de uma transformação mais ampla das formas de sociabilidade contemporâneas. O enfraquecimento dos compromissos duradouros, a valorização da autonomia individual, a expansão da lógica consumista e a digitalização das relações não apenas modificam a experiência amorosa, mas também redefinem os modos pelos quais os indivíduos constroem identidade, pertencimento e sentido para suas vidas.

Por fim, os resultados demonstram que a crise dos vínculos afetivos não significa o desaparecimento do desejo de amar. Ao contrário, o amor continua ocupando posição central na experiência humana. O que se transforma são as condições sociais, culturais e subjetivas sob as quais esse amor é vivido. A coexistência entre o desejo de conexão e o medo do compromisso constitui uma das principais características das relações

afetivas na contemporaneidade, revelando as contradições de uma sociedade que valoriza simultaneamente a liberdade individual e a necessidade de pertencimento.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida permitiu compreender que a fragilidade dos vínculos afetivos constitui uma das expressões mais significativas das transformações sociais contemporâneas. Longe de representar apenas mudanças nos comportamentos individuais, os chamados “amores líquidos” refletem profundas alterações nos modos de organização da vida social, marcados pela instabilidade, pela velocidade e pela lógica do consumo.

Os resultados evidenciaram que o desejo de liberdade e autonomia convive com sentimentos recorrentes de insegurança, medo da vulnerabilidade e dificuldade de sustentar compromissos duradouros. Ao mesmo tempo em que a contemporaneidade amplia as possibilidades de escolha, também produz relações cada vez mais frágeis e suscetíveis à descartabilidade.

As contribuições de Bauman, hooks e Byung-Chul Han demonstram que o enfraquecimento dos vínculos afetivos está relacionado à expansão de valores individualistas e consumistas para o campo das relações humanas. Nesse contexto, o amor deixa de ser compreendido como construção compartilhada e passa a ser frequentemente avaliado segundo critérios de utilidade, satisfação e desempenho.

Por fim, conclui-se que refletir sobre a fragilidade dos vínculos afetivos significa também refletir sobre os modos de convivência social que desejamos construir. Em uma cultura marcada pela aceleração e pela efemeridade, recuperar valores como cuidado, responsabilidade afetiva, escuta, reciprocidade e compromisso apresenta-se como desafio fundamental para a construção de relações mais humanas, éticas e duradouras.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HOOKS, bell. **All About Love: novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Elefante, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **A agonia do eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2005.
- TOURAINE, Alain. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 2006. **patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.